

TEXTO Nº 1

UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE O MOMENTO ATUAL DA COOPERATIVA COLMEIA.

É necessário reconhecer o esforço constante de algumas pessoas para que a Cooperativa sobreviva. Mas, as vezes, por estas pessoas estarem tão enredadas no dia-a-dia não percebem outras realidades e momentos que cercam a Colmeia.

Percebe-se que, após o surgimento da Feira dos Agricultores Ecologistas a Colmeia tomou um grande impulso bem e vem crescendo de forma muito rápida.

A procura de produtos agrícolas orgânicos, sem o uso de agrotóxicos, cria uma situação atípica para a Cooperativa. De um lado, cresce o número de produtores rurais interessados em plantar de forma orgânica e, de outro, cresce o número de consumidores, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, como hotéis, restaurantes, etc. Estes desejam também oferecer ao seu público um alimento saudável, com o aval da Cooperativa.

Dessa forma a Colmeia se torna uma espécie de "grife" de garantia de um alimento sadio.

Frente a este crescimento e com a inevitável saída da Cooperativa de sua atual sede, surge uma série de problemas. Faz-se necessário então, discutir, avaliar, priorizar, prever e organizar, de forma democrática e mais ampla possível - entre os associados - esta nova realidade que se impõe à Colmeia.

Sendo assim, gostaria de levantar alguns pontos que percebi nesse meu convívio com a Cooperativa, como a profissionalização, ideologia, núcleo técnico agropecuário, a questão monetária, o quadro de associados e nova sede.

Gostaria de começar pela questão da profissionalização pois ela envolve uma série de coisas que, aos poucos, vou tentar colocar. Quando falo em profissionalizar a Cooperativa é no sentido de qualificar o quadro dos associados servidores e dos prestadores de serviços até para sustar a relatividade semelhante a que se observa nos bancos comerciais... E, para qualificar é necessário dar cursos, é orientar constantemente, é envolver mais pessoas, é criar um grupo maior, é exigir competência e, é claro, remunerar bem o profissional. Só que para isto, dizem, falta dinheiro, mas porque falta dinheiro? Deixaremos para mais adiante esta questão.

Convergendo com outro associado ouvi algo que acho interessante e que deve ser colocado aqui: para ele, é necessário reduzir o fluxo de emocionalidade e aumentar o fluxo de profissionalização. Ou seja, a relação de trabalho na Cooperativa ainda é muito emocional. Não quero dizer que, com isto, devemos ir para o lado oposto. Mas falta racionalizar mais estas relações, sem, é claro, deixar o emocional de lado. Talvez seja difícil. Concordo com esta pessoa: o jogo emocional é muito forte dentro da Cooperativa. E este jogo, ao meu ver, está presente nos pequenos grupos, mas, quando se está crescendo, é necessário repensar estas relações.

Profissionalizar, então, significa possuir um quadro qualificado e exigir dessas pessoas o cumprimento de determinadas

tarefas para a qual ela foi contratada. E, se isso traduzir fazer estas tarefas só "no amor", ou por uma remuneração baixa, então não se pode exigir competência dessas pessoas.

Gostaria de perguntar: a qualidade dos serviços é boa como está? E estará boa quando crescer mais continuando com estas relações?

Não podemos negar o fato de que existem pessoas que fazem suas tarefas por paixão e por tesão pela "causa", mas quantas são? 3 ou 4 num quadro de 1382 associados. Não é pouco?

Existem algumas contradições como é o caso da remuneração dos associados produtores rurais. Para ele há uma remuneração chamada de "preço justo" por seus produtos. Não entendam que eu deseje que eles recebam menos, pelo contrário, acho que deve ser mantida e aperfeiçoada essa política. Mas, ela dá margem a duas questões: uma, qual é a remuneração justa para um associado-servidor ou um prestador de serviços? E qual é o preço justo que o associado consumidor deve pagar? Existe diferenciação entre associado-produtor, associado-servidor e associado consumidor? Esta diferença não está relacionada com a receita (caixa) da Cooperativa? Ou seja, o produtor produz alimentos, que é uma das bases de sustentação da Coolemia - e por isto ele deve ser o mais privilegiado. E qual é o "salário justo" do associado-servidor, visto que este não produz, só realiza tarefas e consome mais de 80% da receita da cooperativa. Já o associado consumidor, como categoria mais desorganizada, deve ter um "preço justo" para o produto que consome?

A outra contradição, já que a Cooperativa procura crescer de forma compacta, com os consumidores, servidores e produtores, porque uma categoria é privilegiada em detrimento de outras, não há um desajuste? Não é uma incoerência?

Por que a Cooperativa não tem dinheiro? Esta é uma boa e difícil pergunta. Gostaria de levantar algumas questões referentes a isto.

Porque não foi agilizado ainda o FATES? Porque a Cooperativa não faz projetos solicitando crédito ou verbas? Porque não é feita uma campanha com o quadro associativo? Perguntas e mais perguntas, todas devem ter respostas.

Ao meu ver a Coolemia está frente a um problema que várias entidades passam, ela cresce ou ela é atropelada pelos acontecimentos e cairá no esquecimento com o tempo.

Mas, crescer e profissionalizar pode criar um sério problema ideológico.

Muitas cooperativas tiveram suas identidades iniciais modificadas devido ao seu crescimento, pois ao invés dos cooperativados crescerem como um todo, como era a proposta inicial, a entidade cresceu mais que os associados e com isto se apropriou do fruto do trabalho destes.

Como reverter esse caminho "natural" de crescimento?

Ao meu ver é necessário fortalecer ideologicamente o quadro associativo, e para isto é necessário um trabalho constante com estes.

Ideologicamente o quadro associativo encontra-se fraco e isto faz com que se relute em crescer. Se fossemos fortes e conscientes esse processo seria mais facilmente parido.

E, porque o quadro associativo é fraco? Principalmente pela não participação na Cooperativa e pela falta de uma "política" mais efetiva voltada para todos os associados, chamando-os a participar de reuniões, assembléias, eventos que a Coolegia realiza, para comprar mais no entreposto e almoçar no restaurante - visando fortalecer a entidade - fazendo-os sentirem-se parte integrante da Cooperativa. Talvez, a idéia de uma visita na casa dessas pessoas fosse uma idéia interessante a ser levada em conta.

O Núcleo Técnico Agropecuário é o mais antigo e atuante dentro da Cooperativa. Ele é responsável pela orientação técnica aos agricultores, pela associação de novos produtores, etc.

Um dos problemas mais graves desse núcleo é não possuir um quadro técnico efetivo e atuante que tenha dedicação exclusiva aos produtores, que possa se deslocar pelo interior visitando e orientando estes associados - pois falta condução. Devendo ser um canal entre a Cooperativa, sua "opção" ideológica e os produtores rurais.

Atualmente, a relação com os produtores é uma relação de confiança (que deve permanecer), tendo visitas incertas num tempo incerto e numa orientação dispersa e inconstante.

Voltamos ao velho e conhecido problema, falta de dinheiro. Como resolver esta situação? Será que não há uma solução?

É necessário esclarecer, antes que suspeitas se instalem, que este texto é tão somente uma proposta de reflexão em conjunto e não uma tentativa de "golpe de estado" para tirar alguma pessoa de seu cargo, mesmo porque ninguém está se dispondo a ocupar cargo nenhum.

CARLOS FERNANDO COSTA
ASSOCIADO Nº 1137